

Quem disse que Brasília não tem memória?

ANA PAULA MACEDO

Há pouco mais de dois anos, o conjunto do ex-Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira (HJKO), o primeiro da cidade, não passava de um extenso matagal que cobria os pavilhões da instituição e as casas dos funcionários, todos em madeira e construídos pelos pioneiros candangos. Agora, três anos após o tombamento cultural, a área de 184 mil metros quadrados já é um verdadeiro testemunho original e autêntico da época, que em breve deverá se tornar um dos principais espaços culturais da cidade.

Toda mudança se deve ao trabalho e muita determinação do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal (DePHA/DF), que logo após o tombamento da construção, antes habitada pelos atuais moradores da Candangolândia, empenhou-se nas obras de restauração e revitalização do local.

O conjunto, no qual já funcionam duas oficinas de trabalho — a de papel e do barro, com cinco cursos ministrados a 130 alunos — já tem até novo nome: Museu Vivo da Memória Candanga. A sigla HJKO não foi abandonada. "Afinal, está ligada à tradição candanga", justifica Bey Aires, gerente do Departamento de Revitalização do DePHA.

OFICINAS

Atividades não irão faltar no conjunto. A idéia básica prevê a realização de palestras, seminários e exposições que, certamente, eliminarão da cabeça da comunidade a idéia de que Brasília, pela pouca idade, não tem história. "Será um espaço do candango para o próprio candango", simplifica Aires.

Além disso, o projeto prevê a continuidade das oficinas de papel e barro, a incrementação do espaço aberto para os trabalhos com algodão — fiação, tecelagem e tintura — sem contar a implantação de dois novos setores, com atividades

em madeira e um curso de serigrafia em papel e tecido.

De acordo com Bey Aires, os cursos estão abertos a toda a comunidade, sem distinção de sexo ou idade, embora admita a existência de algumas prioridades. Alguns dos beneficiados são os moradores da área considerada pelo DePHA como entorno, abrangendo o Núcleo Bandeirante, Candangolândia, Vila Metropolitana, Vila Divinéia, Combinado Agrourbano e Vargem Bonita. O privilégio, porém, tem um fundamento histórico. Afinal, a comunidade daquela região, ou pelo menos boa parte, já passou pelo HJKO, localizado no lote B do Trecho EPIA Sul.

Os menores, com idade de 10 a 18 anos, também possuem algumas facilidades, devido ao convênio selado entre o DePHA e a Funabem, que juntamente com a LBA auxilia no fornecimento de materiais. "Um dos nossos compromissos é o de atender as crianças", justifica Aires, esclarecendo caber ao GDF a ajuda financeira para a restauração dos prédios, inclusive porque o departamento é um órgão ligado à Secretaria de Cultura.

Aires salienta o término dos trabalhos em cinco das oito casas da alameda — antes destinadas aos médicos do hospital —, onde funciona a administração do DePHA, que se transferiu do anexo do Buri para acompanhar de perto a restauração; além de dois galpões, transformados em oficinas.

Com isso, fica faltando reformar outros cinco antigos alojamentos, onde também serão desenvolvidos trabalhos artesanais. Quanto aos três pavilhões do ex-hospital, que abrigarão o museu, a previsão é a de que estejam prontos em dezembro. A idéia inclui também o refofamento da área, um Centro de Vivência e a instalação de uma Farmácia Verde, só com medicina alternativa. Por enquanto, porém, não há verba para a continuidade do projeto.

História sai do anonimato

Com a inauguração do Museu Vivo da Memória Candanga, marcada para dezembro, Brasília poderá finalmente mostrar um pouco de sua história. E, se depender dos organizadores, a abertura oficial do espaço será uma grande festa. "Pretendemos trazer depoimentos dos pioneiros. A idéia básica é uma exposição histórica do ponto de vista do operário", destaca Raquel Cavalcante, gerente de Pesquisa e Documentação do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico (DePHA).

Empolgada com os trabalhos, Raquel destaca já contar com um acervo relativamente grande e muito interessante. "Já temos vários documentos e peças do hospital, inclusive uma flâmula", exemplifica, informando que está reunindo, no momento, o material do Brasília Palace Hotel. A grande estrela da inauguração, entretanto, deverá mesmo ser a obra de Fontinelli, o primeiro fotógrafo do ex-presidente Juscelino Kubitschek, com um lançamento de seu livro, reunindo **flashes** da inauguração da cidade.

Na inauguração, também ficarão expostos os trabalhos desen-

volvidos durante os três meses de oficina — os cursos tiveram início há um mês, além das peças feitas por inúmeros artesãos da cidade, que gradativamente vêm se reunindo em grupos de produção. Rachel Cavalcante, porém, acredita na existência de muitos outros valores ainda ocultos. "A gente pede aos artesãos que venham se unir ao nosso trabalho. E à comunidade que abra os baús. Muita gente tem documentos, fotos antigas e não sabe o que fazer. O que queremos é reconstruir nossa memória. E é uma grande história. Intensa, apesar do pouco tempo", entende.

Ressalta também que a designação de museu vivo se deve à proposta original de acompanhar a evolução da cidade, sem se fixar apenas no passado. "Não propusemos o tombamento pelo tombamento exclusivamente. Junto havia desde o início um projeto de reutilização, ou seja, devolver o espaço para uso cultural, já que as pessoas não poderiam voltar a morar aqui", reforçou o diretor do departamento, Silvio Cavalcante. O DePHA destaca que os cursos são gratuitos e os interessados, para o próximo ano, já podem se inscrever.

Valdemar, pioneiro e mestre

Aos 73 anos "muito bem vividos", como ressalta, o artesão Valdemar Magalhães, um dos pioneiros da cidade, sabe muito mais sobre a história candanga do que muitos livros poderiam relatar. Nascido em São Paulo, Magalhães se mudou para Brasília antes mesmo da inauguração, em meados de 1957, vindo de Goiânia. Na época, admite, o interesse era apenas se fixar no comércio de eletrodomésticos.

Mestre em cerâmica, o pioneiro ministra aulas nas oficinas do Museu Vivo da Memória Candanga e afirma ter um relacionamento ótimo com a garotada. E, divertido, explica como tomou conhecimento do projeto, ainda desconhecido para grande parte da comunidade. "Ora, eu sou pioneiro, não é? Aca-

bo tomando conhecimento de tudo o que acontece", comenta.

Para ele, a nova proposta veio a preencher um vazio, representando de alguma forma um retorno à época de sua vida da qual mais sente saudade. "Sempre morei no Núcleo Bandeirante. E éramos uma verdadeira família. Não tínhamos conforto, mas tudo era muito bom, todos eram extremamente unidos", recorda-se, acrescentando ter participado do plano de fixação da cidade.

Saudoso, reconhece que o progresso chegou, gradativamente, ao Núcleo Bandeirante. Mas não concorda com algumas mudanças. "Muita coisa foi tirada de lá. Nem temos mais cinemas", citou. Mas com o museu, considera, "toda a memória será resgatada".